

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

# A crueldade do corpo. Antonin Artaud.

Alexsandro Galeno Araújo Dantas.

Cita:

Alexsandro Galeno Araújo Dantas (2009). *A crueldade do corpo. Antonin Artaud. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/2109>

*Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.*

# A crueldade do corpo

Antonin Artaud

**Alexsandro Galeno Araújo Dantas**

UFRN-Natal/Brasil

alexgaleno@terra.com.br

*“Hemos perdido el silencio  
y también el grito.”*

**Ernesto Sábato**

*Como afirma Michel Foucault em As palavras e as coisas, Antonin Artaud (1896-1948) movimenta-se por impulsos de uma “plasticidade cênica”, onde sempre estão presentes as tentativas de aproximações entre as vertigens da coisa, da palavra e do diálogo de si com o outro. Transfigurações. Assimetrias e traços mal definidos. Rostos retorcidos. Flexibilizações de ossos. Anatomias humanas serradas e transformadas em novos corpos. Artaud sempre desejou que as ações de seu teatro perturbassem os sentidos do espectador. Sobretudo em seus desenhos, encontram-se as dimensões do tormento e de uma estética que imprime novos padrões sobre o corpo.*

“Meus desenhos não são desenhos, mas documentos,  
deve-se olhá-los e compreender o que está dentro...”<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> ARTAUD, Antonin. **Ouvres sur papier**. Marselha: Réunion des Musées Nationaux- Musées de Marseille, 1995.p110.

Corpos contorcidos por anatomias refeitas. Crateras que fazem obras, afirma Derrida. Resgate de uma encenação da vida e da obra que se insurge contra o do ‘princípio do desenho’, ou seja, o *savoir-faire* da habilidade linear e próprio das belas-artes. Artaud opera pela inabilidade e pela fúria de um pensamento selvagem que se esparrama sobre o papel como desenhos tortos, garatujas, glossolalias pictóricas que fervilham e convulsionam a matéria.

“A verdade da vida está na impulsividade da matéria. O espírito do homem se torna doente em meio aos conceitos. Não lhe cobro satisfações, peço-lhe somente para ficar calmo e desejo que ele encontre seu lugar. Mas só o Louco é calmo.”<sup>2</sup>

“A pintura linear pura me deixava louco há muito tempo, quando encontrei Van Gogh que pintava não linhas ou formas, mas coisas da natureza inerte como em plenas convulsões.”<sup>3</sup>

Seria calmo aquele que se deixa atravessar por pregos como no desenho o ‘*O homem e sua dor?* Peitos com mamilos de pregos. Alusões a uma ‘violência obstétrica’(Derrida). Protesto contra o ciclo linear da amamentação materna? Revolta que expressa sua própria fome durante os momentos de internamentos?

Germinações latentes que expressam sua própria dor. Impacto de matérias em fragmentos ou paredes minadas e atravessadas pacientemente (Van Gogh)<sup>4</sup> pelos tormentos das ‘lapisadas’ e das ‘palavras sopros’ (Derrida) no papel ou na tela. Imagens desordenadamente se lançam. Anunciando o vigor de um Pollock, que excrementava caoticamente a tela com as suas tintas. São as evocações da lâmina que corta um olho em *O Cão Andaluz* de Luis Buñuel e Salvador Dalí. São as sonorizações propagadas pelo *O Grito*, de Edvard Munch; são os tormentos dos animais e flagelados de *Guernica* e as desfigurações da *Mulher chorando*, de Pablo Picasso, ou seja, “*Mulher Chorando* com sua agonia privada, *Guernica* com sua dor pública.”<sup>5</sup>

Portanto, Artaud, seria os traços disformes de um sujeito intensivo, que sondou, talhou, raspou, limou, coseu, descoseu, esfarrapou e costurou carnes sob a pele. Um fragmento humano ou ‘testemunho fóssil’ (Lévi-Strauss), que representa uma história universal singular de um pensamento que se faz e refaz nas desordenadas cartografias, traçadas pelas lógicas do *CsO- Corpo sem órgãos*. Artaud incorpora o CsO ao declarar guerra às noções que reduzem os órgãos do corpo a um puro organismo. Desenvolve sua luta contra o organismo que percebe o corpo como

---

<sup>2</sup> ARTAUD, Antonin. **Ouvres Complètes**. Paris: Gallimard, 1976. p54. vol. I\*\*.

<sup>3</sup> ARTAUD, Antonin. **Linguagem e vida**. São Paulo: Perspectiva, 1995. p 263.

<sup>4</sup> ARTAUD, Antonin. **Op. cit.** Carta de Van Gogh referenciada por Artaud. p 274.

<sup>5</sup> MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p212.

funcionamento meramente biológico e, portanto, escravo dos ajustes da organização anatômica dos órgãos:

*(...) se quiserem, podem meter-me numa camisa de força  
mas não existe coisa mais inútil que um órgão.  
quando tiverem conseguido um corpo sem órgãos  
então o terão libertado dos seus automatismos  
e devolvido sua verdadeira liberdade.<sup>6</sup>*

O organismo é o juízo de Deus, isto é, o funcionamento do sistema teológico deste juízo. “O organismo já é isto, o juízo de Deus, do qual os médicos se aproveitam e tiram seu poder.”<sup>7</sup> O juízo do organismo institui-se como o tribunal de julgamento da experimentação do CsO. Um tribunal de justiça que estratifica as intensidades e as prende numa organizada e perfeita ordem. Esse tribunal pode ser representado pela psiquiatria, pelo relativismo da ciência, pelos preconceitos e intolerâncias dos reacionarismos daqueles que embargam os fluxos desejanos dos Corpos sem Órgãos.

Com o CsO de Artaud não há espaço para dissimulação porque ele age e experimenta o tempo inteiro. Não é uma guerra, mas é uma luta estabelecida contra os Juízos que insistem em transformá-lo numa imagem clara, bem definida e num organismo eficazmente funcional. O Juízo não aceita as gagueiras, os atos falhos, os delírios e a quebra de fronteiras dos juízos *sapiens demens*. É por isso que Artaud nos aconselha a darmos um fim ao Juízo de Deus.

*“É deus um ser?*

*Se for, é uma merda.*

*Se não o for, não o é.”<sup>8</sup>*

É dessa maneira que concebemos o CsO que anuncia Artaud, ou seja, atos perigosos de um corpo que se insurge contra a normalização e as violências cognitivas do saber e de um poder racionalizante; “Artaud apresenta esse ‘corpo sem órgãos’ que Deus nos roubou para introduzir o corpo organizado sem o qual o juízo não se poderia exercer. O corpo sem órgãos é um corpo

---

<sup>6</sup> ARTAUD, Antonin. **Para acabar com o julgamento de Deus**. In: WILLER, Cláudio. op. cit. p. 161.

<sup>7</sup> DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **Mil platôs**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996. vol. 3.p. 21.

<sup>8</sup> ARTAUD, A. **Op. cit.**p153-4.

afetivo, intensivo, anarquista,(...) Uma poderosa vitalidade não-orgânica o atravessa.”<sup>9</sup> Afirma Deleuze. Uma vitalidade não-orgânica que se expressa como Heliogábalo - o anarquista coroado; nas experiências exílicas com os índios Tarahumaras no México; nas agramaticalidades das glossolalias e na insistência em dar um fim ao Juízo.

O CsO é o *a-pensamento*<sup>10</sup> que escandaliza a aptidão fálica daquelas noções que advogam uma geometrização linear e organizada dos espaços vividos e uma anatomização orgânica dos corpos e sentidos. Ele é capaz de autocriar a vida como erro, desvio, fissuras ou como um fluxo contínuo e descontínuo de memórias. É o lugar do corpo intensivo que não se furta às transformações cartilaginosas das idéias, nem em deixar de fustigar o que há de invisível e o que ferve por baixo da pele dos corpos e da cultura, pois “Debaixo da pele o corpo é uma fábrica de ferver”, assegura Artaud. Embora, Deleuze & Guattari também advertam sobre o dilema em como equacionar ou diferenciar as intensidades dos diversos CsO, isto é, “Como criar para si CsO sem que seja o CsO canceroso de um fascista em nós, ou o CsO vazio de um drogado, de um paranóico ou de um hipocondríaco? Como distinguir os três corpos? Artaud não pára de enfrentar esse problema.”<sup>11</sup>

Pensar perigosamente e como evocação plástica para refundar a arte, a ciência e a vida. São essas as evocações artaudianas sugeridas pelas imagens do seu teatro, de seus desenhos, pinturas, nas palavras-sopro das glossolalias e no estilo vigoroso de uma escritura que se lança sobre o papel como jatos de sangue.

Outro aspecto que consideramos relevante sobre o poeta da crueldade, diz respeito à necessidade de se evitar a mistificação freqüentemente presente em seus comentadores e admiradores, sobretudo quando tematizam a loucura, as drogas, a revolta e seu lado místico. Sobre tais ressalvas e a importância do poeta, o escritor Philippe Sollers destaca: “ (...) o que tenho tentado fazer, sempre, é compreender o que disse Artaud, porque através do que ele disse se entende a história terrível do século XX,(..)” Para Philippe Sollers, as passagens pelos hospitais franceses e os acontecimentos históricos são aspectos indispensáveis para se entender a vida e a obra artaudiana. A França estava sob ocupação alemã, durante a Segunda Guerra Mundial, e as condições sanitárias eram insalubres e desumanas nos hospitais: “Estar nos hospitais psiquiátricos franceses durante a guerra, a violência daquela situação, é um aspecto absolutamente capital para

---

<sup>9</sup> \_\_\_\_\_ . **Op. cit.** p 148.

<sup>10</sup> KRISTEVA, Júlia. **Sentido e contra-senso da revolta**. Poderes e limites da psicanálise I. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.p 184.

<sup>11</sup> DELEUZE.G &GUATTARI, F. **Mil Platôs**. Rio de Janeiro: Editora 34,1996.p. 26-7.

interpretar corretamente o que se passou com Artaud.”<sup>12</sup> E ainda, “Sua experiência de asilo psiquiátrico, após sua estada na Irlanda, não foi tão diferente daquela que viveu Van Gogh, talvez até mais terrível, por causa da guerra ( quarenta mil morreram de fome entre 1940 e 1944. Exterminação suave, à la francesa).”<sup>13</sup>

Agindo no paradoxo e desejando o aparentemente impossível, assim Artaud expôs os dramas de si e da cultura. Encontramos uma beleza atormentada pelos paradoxos vivenciados pela estrela do cinema e do teatro, da poesia, das cartas e desenhos em Rodez e, também, das dores e decrepitudes do sofrimento mental nos asilos. A beleza como algo convulso que mantém o brilho mítico e atrativo da estrela, mas também o bizarro, o selvagem e o cruel.

Beleza e tormento, sabedoria e loucura, simultaneamente, configuram artifícios criativos ou alegorias resignificadoras da presença da dor e da morte - uma ‘tanatografia’<sup>14</sup> propiciadora de uma vida e obra, em que se torna possível localizar além do tormento, alegrias e um imenso apetite de viver gerador de uma revolta.

*Artaud não é só um rosto, mas um corpo intensivo que se faz e se refaz no tempo e que se mescla definitivamente na mente de todos como um eu sou vários. Há o Artaud-Nanaqui de Marselha, o Artaud-Marat em Napoleon de Abel Gance, Artaud-Monge Jean Massieu em A Paixão de Joana D’Arc de Carl T. Dreyer ou nas fotografias de Man Ray que contrastam com as imagens tanáticas de Rodez.*

Os comentadores, em alguns momentos, carregam nas tintas para falarem de um Artaud atormentado, dilacerado e noutros do mito da estrela do teatro e do cinema. É como se separassem ou fragmentassem a beleza e o tormento. Artaud é simultaneamente tormento e beleza! Ele não é uma beleza triste, mesmo que, aos dezenove anos, tenha sofrido uma forte depressão que o levou a destruir seus escritos e a presentear seus livros aos amigos e permanecido num sanatório próximo à sua cidade natal, Marselha. Entre 1916 a 1920, passou por diversos sanatórios e estações de cura. Era o início de seu périplo hospitalar durante o período de 1937 a 1946.

---

<sup>12</sup> SOLLERS, Philippe. Sur Artaud. IN: **L’Infini**. Número 56. Paris: Gallimard, 1996.p. 96.

<sup>13</sup> SOLLERS, Philippe. **La Fête à Venise**. Paris: Folio, 1991. p. 29.

<sup>14</sup> DOUMILIÉ, Camille. **Antonin Artaud**. Paris: Seuil, 1996.

Por fim, Artaud parece ser aquilo que Deleuze define como uma personalidade de êxtase rebelde produtora de ‘identidades infinitas’ ou de uma cultura ética da crueldade. Crueldade, aqui, não significa sadismo nem derramamento de sangue, no sentido literal e, costumeiramente, praticado pelas carnificinas e canibalismos humanos. Camille Dumoulié<sup>15</sup> destaca que “A crueldade em Artaud é o equivalente à ‘vontade de potência em Nietzsche’: os dois termos exprimem a lógica <da vida>, ou atribuem à vida uma definição puramente <lógica>. Uma nova lógica que não obedece às leis da racionalidade moral, mas que se apresenta, justamente, como a lógica da ética.” Mesmo aparentemente impossível de ser praticada na organização dos homens, essa ética da crueldade deve ser buscada, pois para Artaud ‘crueldade significa rigor’, ‘uma consciência aplicada’, ‘uma necessidade implacável’, que atribui ao ato de viver ‘sua cor de sangue’ e ao teatro uma ‘linguagem nua’. ‘Não cultivo sistematicamente o terror’, afirma o poeta em *O Teatro e seu duplo*. Para praticar essa ética, será preciso coragem e capacidade para aceitar o abjeto como subversão ao terror e à higienização afetiva das relações humanas, será preciso revisitar as memórias olfativas no corpo do filósofo, do cientista, do político e do artista.

---

<sup>15</sup> DUMOULIÉ, Camille. **Nietzsche et Artaud**. pour une éthique de la cruauté. Paris: PUF, 1992. p. 25.